

Criação e gestão de catálogos electrónicos em museologia: estudo de caso

Ana Sofia da Santa Vilar

Aluna do Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP
anasantavilar@gmail.com

RESUMO

Este artigo centra-se na relação entre a criação e gestão de unidades de informação museológica e as novas tecnologias da informação como meio prático de registar objectos com teor cultural e patrimonial, representativos de comportamentos sociais. Com a premissa da caracterização das colecções museológicas e o avanço tecnológico, os museus tentam adaptar algumas práticas museológicas ao panorama inovador das tecnologias informáticas. Assim, surgem os catálogos electrónicos criados a partir de Sistemas de Gestão de Colecções para os quais utilizam a hipermédia como principal meio de visualização em ambiente digital, num conjunto de elementos multimédia. A divulgação dos mesmos na Internet depende da relação dos museus com os recursos informáticos, dos quais são detentores, e das estratégias de sociabilização na difusão da informação museológica, afirmando assim a posição dos Sistemas de Gestão de Colecções na defesa dos valores de cidadania e culturais e na preservação da memória colectiva, dos quais os museus se distinguem como pioneiros.

PALAVRAS-CHAVE: Museus, informação, tecnologia

ABSTRACT

This article focuses on the interconnection between the creation of museum and the management of information units and the new information technologies as practical means of registering objects with cultural and heritage content. These are also analysed as representative of social behavior. Having in mind the characterization of collections and the use of technological novelties, museums try to adapt some traditional practices to the new realm of innovative computer technologies. As such, combining multimedia elements and electronic catalogs created from Collections Management Systems hypermedia used as primary resource to present museological items gained space. By posting those catalogs in the Internet the museum reveals its relationship with electronic resources. Furthermore, the socialization strategies of the museum on what concerns information dissemination are also made clearer by the use of these new collection management systems. Statements on citizenship and cultural values are made evident side by side with strategies to preserve collective memory in a field where museums have been working as pioneers.

KEYWORDS: museums, information, technology

Introdução

Para o museu, enquanto instituição promotora do conhecimento através da aquisição, conservação e estudo de objectos representativos de uma época, de uma cultura e de uma sociedade, torna-se premente que conheça em detalhe todos os objectos integrantes das suas colecções e principalmente o significado da existência destes num contexto histórico. Para que tal missão seja cumprida com sucesso, foi necessário criar práticas documentais (registar, inventariar e catalogar) com o intuito de classificar e localizar todos os objectos integrantes do museu. A nível nacional o Decreto-lei nº 46758 de Dezembro de 1965 fez o Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia, e a Lei nº107 de Setembro de 2001 instituiu os princípios básicos da Política e do Regime de Protecção e Valori-

zação do Património Cultural, no entanto é com a Lei-quadro dos Museus Portugueses de Agosto de 2004 que as práticas documentais foram definidas como funções museológicas expressas no regime geral dos museus portugueses. Esta lei estabelece que:

O inventário museológico deve ser complementado por registos subsequentes que possibilitem aprofundar e disponibilizar informação sobre os bens culturais, bem como acompanhar e historiar o respectivo processamento e actividade do museu. (Lei-quadro nº 195, 2004, p. 5382).

Estas práticas foram evoluindo ao longo dos tempos, mas foi com o desenvolvimento tecnológico que sofreram um impulso relevante. Surgem, assim, aplicações informáticas com especificidades estruturais que permitem a introdução de dados museológicos de

maneira sistemática e uniformizada que simplificam e automatizam, de modo controlado, a informação aos utilizadores. Com o intuito de criar um modo controlador de pesquisa para os utilizadores, os autores Elizabeth Orna e Charles Pettitt sugerem que este seja feito através da combinação de imagens e texto (palavras relacionadas com imagens, imagens com imagens e imagens com palavras) (Orna; Pettitt, 1998, p. 559). Partindo da ideia de que as inovações tecnológicas permitem ultrapassar uma série de obstáculos na gestão dos museus revelou-se necessária uma normalização e parametrização de dados. Assim sendo, este artigo foi cogitado para abarcar conceitos de maneira a que o leitor se possa enquadrar no tema.

Anuindo como presente uma abordagem do panorama histórico museológico e do papel dos museus, enquanto instituições geradoras de informação, parece essencial identificar quais as estratégias de divulgação, de difusão dos espólios e os factores de socialização adoptados através das novas tecnologias da informação e da comunicação (Gil, 1993, pp. 79-83). Para clarificar esta interacção entre práticas instituídas nos museus e as inovações tecnológicas, surge premente referir a gestão e organização das unidades de informação museológica com as respectivas práticas documentais e os métodos e ferramentas utilizadas na parametrização de dados. Surge assim o Conceptual Reference Model (CRM) desenvolvido pelo Comité Internacional de Documentação (CIDOC) que em contraste com os códigos ontológicos tradicionais, capta a semântica heterogénea da estrutura de uma base de dados e não apenas a terminologia como especifica o autor Martin Doerr "The CRM is result of a strategic, careful, long-term knowledge engineering process from existing data structures and experts of various museum disciplines (...)" (Doerr, 2005, p. 2).

Assim, e remetendo para alguns exemplos internacionais, como o grupo museológico britânico Collection Trust da Museum Documentation Association (MDA), o Museum Computer Network (MCN) e a Getty Information Institute (GII) ambos dos Estados Unidos, o projecto Canadian Heritage Information Network (CHIN) e a norma ISO 21127: 2006 que resultou da Conferência Trienal do International Council of Museums (ICOM) em 1995 e nacionais com a publicação das Normas de Inventário do Instituto dos Museus e da Conservação, é demonstrado que normalizar a catalogação dos objectos, elaborar normas de aplicabilidade e definir critérios de desenvolvimento de uma gestão eficiente, através de aplicações informáticas, tornou-se numa necessidade para a comunidade museológica. Este artigo pretende explanar de que modo a informática apoia a gestão, a socialização e a difusão da informação museológica, partindo dos meios disponíveis de representação e de visualização em ambiente digital do espólio museológico, como os Sistemas de Gestão de Coleções e a hipermedia, e o uso da Internet na troca efectiva e actualizada da informação.

2. Metodologia

Inicialmente, a pesquisa e a análise bibliográfica (monografias, artigos científicos e legislação) foi essencial para comprovar pressupostos teóricos que justificassem todo o panorama histórico e prático da museologia. No entanto, e segundo os autores Michelle Lessard-Hérbert, Gabriel Goyette e Gérald Boutin (1990, p. 95), " (...) a actividade de investigação tem como objectivo primordial a verificação de uma dada teoria, independentemente da maneira como esta foi elaborada ou formulada (...) " e como tal, o destaque vai para a realização de um estudo de caso, como método operacional de analisar um exemplo concreto da criação e gestão de catálogos electrónicos em colecções museológicas, sendo o inquérito o meio de recolha de dados mais indicado.

Os resultados serão, assim, analisados numa perspectiva quantitativa com a premissa de obter resultados formais (elementos lógicos, numéricos e medidas de comparação) e qualitativa, de modo a possibilitar uma visão pluralista das estratégias funcionais e interpretativas dos museus. Recolher informações que permitissem obter respostas que, até então, apenas o carácter teórico detinha, e averiguar a importância da tecnologia na actividade museológica, revelou-se necessário. Para tal, salientou-se mais o ambiente de gestão de colecções museológicas, principalmente no âmbito dos elementos multimédia utilizados no registo das colecções e dos recursos informáticos disponíveis pelos museus. Assim, a escolha dos museus recaiu sobre aqueles que dispõem de um Sistema de Gestão de Colecções.

Para que tal escolha fosse baseada em pilares consistentes, foi elaborada uma pesquisa de todas as aplicações informáticas desenvolvidas a nível nacional e as empresas que as comercializam. Após vários contactos com profissionais, foram recolhidas informações documentais que permitissem apreender funcionalidades, temáticas, objectivos, estrutura e características de cada software de gestão, inventariação, catalogação e de divulgação museológica, e uma listagem dos museus que detinham este tipo de aplicações tecnológicas. Por ser igualmente necessário respeitar o calendário curricular do mestrado, o referido estudo de caso foi restringido aos museus situados no Grande Porto. Assim sendo foram apenas considerados válidos para este estudo de caso os museus que detêm esta localização precisa e que tivessem critérios definidos na área das novas tecnologia, objectivos em informatizar as práticas documentais e conter várias tipologias de colecções.

Construção e objectivos do inquérito

Segundo os autores Louis Cohen, Lawrence Marion e Keith Morrison (2000, p. 246):

Having decided upon and specified the primary objective of the questionnaire, the second phase of the planning involves the identification and itemizing of subsidiary topics that relate to its central purpose.

Sendo assim, para a estruturação do inquérito foi consultada a publicação *Inquérito aos museus em Portugal* (Silva et al., 2000) para ter a percepção de quais as questões a explanar numa investigação na área da museologia. Por ser uma investigação que foca a importância das novas tecnologias e práticas documentais em museologia, pareceu obvio construir o inquérito em suporte digital e enviá-lo às instituições seleccionadas via e-mail. No entanto, mesmo tratando-se de um meio comunicacional comum e formal, existem ainda algumas instituições que não reconhecem tal importância e resistem à utilização do mesmo. Esta dificuldade foi ultrapassada através de pesquisas na Internet em sites oficiais das instituições ou através de outro meio informacional on-line. O inquérito foi enviado em forma de anexo com as respectivas instruções de preenchimento e um pequeno texto de apresentação pessoal bem como a explanação dos objectivos.

O inquérito foi construído por um grupo de perguntas e por um cabeçalho, em que é pedido a identificação do responsável pelo preenchimento do inquérito e a caracterização do museu (ver anexo 01). Já o grupo de perguntas foi dividido em quatro temáticas: caracterização das colecções do museu, registo da colecção museológica, elementos multimédia no registo de colecções e recursos informáticos. Partindo da afirmação de que “The open-ended question is a very attractive device for smaller scale research (...)” (Cohen et al., 2000, p.255) as questões foram formalmente estipuladas de modo fechado, isto é, constituiu-se um conjunto de escolhas de resposta de modo a auxiliar o tratamento de dados quantitativamente. Em casos pontuais optou-se por deixar as respostas em aberto, particularmente quando as hipóteses de resposta poderiam ser variavelmente numerosas e alvo de um tratamento qualitativo, pois “(...) the space provided for the open-ended response is a window of opportunity for the respondent to shed light on the issue or course.” (Cohen et al., 2000, p. 256).

Partindo do quarto requisito de uma pesquisa científica, definido por Humberto Eco (1997, pp. 54-55), este estudo de caso e respectivos inquéritos devem “(...) fornecer os elementos para a confirmação e para a rejeição das hipóteses que apresenta e, portanto, deve fornecer os elementos para uma continuação pública.” Assim, o primeiro grupo de questões foi elaborado de modo a reconhecer o universo de cada museu, qual o tipo de informação relacionada com os objectos e a quantidade e qualidade dos recursos humanos afectos à gestão de colecções. O segundo conjunto de questões pretende evidenciar com que frequência e com que critérios é feito o registo dos objectos na base de dados.

Pretendia-se, ainda, explorar a aplicabilidade dos sistemas informáticos adquiridos e utilizados nessa tarefa, bem como, se quem realiza esta tarefa reconhece todas as potencialidades dos mesmos. O terceiro grupo de questões entendeu-se direccionado para a presença de elementos multimédia no registo de colecções museológicas e o reconhecimento da importância dos mesmos por parte de quem os elabora. No quarto conjunto, as perguntas centram-se na existência

de recursos tecnológicos por parte dos museus. Isto, partindo-se do pressuposto de que todos os recursos enumerados são essenciais na criação, gestão e actualização dos inventários/catálogos electrónicos. Neste grupo de perguntas pretende-se, igualmente, ilustrar como os museus difundem o seu espólio através da Internet ao disponibilizar as suas colecções on-line.

3. Análise dos resultados

A análise dos resultados aborda, assim, as quatro temáticas mencionadas anteriormente e definidas segundo uma leitura clara dos objectivos de investigação. Numa perspectiva generalista e partindo do cruzamento comparativo dos dados recolhidos, pôde-se verificar uma diversidade de precisão de respostas, o que remete para uma exiguidade informacional relativa a certas contendas, principalmente as que dizem respeito às novas tecnologias informáticas. Em contraponto, existem alguns casos (em número inferior) de plena estabilidade inovadora ao reconhecer a utilização de elementos multimédia e usufruto de recursos informáticos na gestão das colecções. Dos vinte e um museus contactados apenas doze responderam afirmativamente ao pedido de colaboração e reencaminharam a resposta ao respectivo inquérito. Os restantes nove museus não foram apurados, devido a um encaminhamento tardio dos inquéritos aos responsáveis internos, à impossibilidade de contacto e/ou por não existir disponibilidade para responder aos mesmos.

Numa análise minuciosa, o primeiro conjunto de perguntas permite que os museus caracterizem as suas colecções, salientando-se o número acrescido das colecções de Arte: pintura/ escultura e de Ciências e técnica em refutado as colecções de Artes do espectáculo, Militar e Desporto. Na categoria de “Outras” foram referidos Desenho e gravura, Comunicação e Arqueologia industrial. Ainda no âmbito da caracterização das colecções, é questionado qual a tipologia de catálogo utilizada pelos museus. Estes, demonstram que o catálogo sistemático é o mais utilizado, seguido do monográfico. Em relação à quantidade de colaboradores afectos à gestão das colecções, dos doze museus que responderam ao inquérito, cinco mencionaram possuir um colaborador. Já os graus académicos destes colaboradores variam entre os pós-graduados e os licenciados. A quinta questão deste primeiro grupo é talvez a mais complexa de analisar. Em casos onde existe apenas um colaborador afecto à gestão de colecções, a acumulação de categorias profissionais é evidente. A disparidade classificativa de categorias profissionais é tal que o valor de “Outros” é igual à categoria com mais relevância “Investigadores/especialistas”. Dos mencionados “Outros” destacam-se técnicos superiores de museologia, assistentes técnicos, responsável pelo núcleo museológico, técnicos superiores/conservadores de museu, técnico superior de engenharia química, antigos técnicos profissionais e auxiliares técnicos de museografia.

Remetendo para a definição de estudo de caso de R. E. Stake (cit. in Creswell, 2003, p. 15) “(...) in which

the research explores in depth a program, an event, an activity, a process, or one or more individuals.”, surge como relevante, para esta investigação, determinar como os museus elaboram os registos das suas colecções, sendo, portanto, o segundo grupo de questões é o mais extenso deste inquérito. A maioria dos museus inquiridos faz a actualização do registo dos inventários/catálogos informaticamente, esporadicamente e/ou sempre que é oportuno. Quando são questionadas características específicas do software utilizado, surge um elemento merecedor de alguma atenção. Embora detectável na sua minoria, os museus reconhecem o programa informático que utilizam, mas no que se refere à empresa que o criou e que o comercializa existe alguma relutância. Os técnicos responsáveis pela inventariação e catalogação são unânimes a afirmar que o software utilizado se coaduna com os objectivos do próprio museu.

Quanto à existência de um manual de procedimentos, sete dos doze museus responderam afirmativamente, sendo que a sua elaboração está ao encargo do técnico aprovado pelos membros profissionais superiores. Salienta-se, ainda, que a maioria dos técnicos reconhece os campos de preenchimento do programa informático usado, a sua importância e quais obedecem a uma obrigatoriedade. Detectam ainda, que as suas instituições necessitam de outros campos de preenchimento para além dos que foram enumerados no inquérito (número de inventário, título, descrição, autor, características técnicas, designação, incorporações, épocas, marcas/inscrições, medidas/peso, ficheiros multimédia/imagens, história da obra/peça, estado de conservação/preservação, datas, observações, autenticidade, abate e seguros), bem como, a existência de campos ocultos para determinados utilizadores.

No terceiro grupo de perguntas é perguntado quais os elementos multimédia que podem ser aplicados no registo das colecções ao proporcionar uma leitura visual dos objectos em ambiente digital. Na sua maioria, os museus detêm um arquivo fotográfico em suporte digital e analógico. Dos sistemas de gestão de colecções aludidos na sua maioria é possível integrar mais do que uma fotografia, por ficha, bem como inserir filmes/vídeo/áudio. No entanto quando questionado pela presença de ferramentas que permitem inserir fotografias técnicas ou a criação de visitas guiadas, os valores são baixos.

Em relação ao quarto grupo de perguntas, os museus confirmam dispor de recursos informáticos/computadores e que estes, tanto estão em postos individuais como em postos ligados em rede. Atesta-se que a maioria dos museus tem ligação à Internet, no entanto apenas cinco dos doze museus que responderam ao inquérito, identificam com especificidade que tipo de Internet têm e a que velocidade. Estes museus reconhecem ainda, que as suas colecções estão disponíveis em rede através do sistema de gestão de colecções museológicas que utilizam. Dos museus que responderam afirmativamente à criação e existência de um site/página do museu na Internet e de demonstrarem que sabem o seu endereço on-line, referem a inexistên-

cia de uma hiperligação para o inventário/catálogo do próprio museu.

Conclusão

Numa sociedade em que a ciência e a tecnologia estão cada vez mais presentes, revela-se premente que a gestão das colecções seja orientada nesse sentido. Assim sendo, o técnico em museologia avoca um papel primordial no desempenho de tarefas que garantam a manutenção do sistema museológico de forma funcional e eficiente. A abordagem sistémica de um conjunto de princípios gerais aplicáveis na gestão destes sistemas electrónicos de inventariação, catalogação e de divulgação museológica, podem e devem constituir uma óptima ferramenta, tanto para uma gestão estratégica, como para uma gestão de informação na rede museológica de uma localização específica como é o caso do Grande Porto. Assim, os sistemas de informação, poderão ser encarados como parte integrante do sistema museológico da própria instituição pois permitem gerir de maneira profícua e actualizada a informação que lhe é inserida segundo campos de preenchimento específicos.

O primeiro grupo de questões traça o perfil dos museus em análise neste estudo de caso. Na sua maioria, os museus colaboradores, possuem mais do que uma tipologia/categoria de objectos museológicos nas suas instalações. Este facto demonstra que estes não são detentores apenas de uma área específica de conhecimento, mas sim pelo contrário. Os dados recolhidos revelam ainda a preferência destes museus pela utilização de catálogos sistemáticos, o que remete para uma reflexão sobre o método de organização das colecções em que os objectos são reunidos segundo características semelhantes (estética, material e de proveniência). Ao comparar os valores obtidos entre o número dos colaboradores afectos à gestão de colecções por museu e as categorias profissionais dos mesmos, conclui-se que estes acumulam funções. As causas dessa acumulação poderão sugerir a falta de recursos humanos como consequência da falta de verbas monetárias para esses mesmos fins. No que consta a nível de habilitações dos recursos humanos, os museus dão preferência à contratação de elementos com qualificação académica superior.

Sendo o registo da informação das colecções museológicas fundamental para o reconhecimento e crescimento cultural social, numa perspectiva de interpretação e divulgação do espólio museológico como fundamento da relação entre o museu e o público, o segundo grupo de perguntas analisa objectivamente a dimensão desta tarefa desempenhada pelos museus em amostra. Estes demonstram uma utilização sistémica das novas tecnologias da informação no processo de gestão das colecções, no entanto não consideram que esta tarefa seja efectuada diariamente mas sim esporadicamente e consequentemente o registo das colecções nos sistemas de gestão encontra ainda em curso. Efectivamente sobre os Sistemas de Gestão

de Colecções, estes museus assumem reconhecer características específicas destas aplicações (como determinados campos de preenchimento), a adequação destas particularidades aos objectivos dos museus e a necessidade de implementar um manual de procedimento como meio orientador e moderador na elaboração contínua do registo das colecções, que respeite em simultâneo a política de promoção e de divulgação dos próprios museus.

A difusão do património cultural museológico, através dos meios gráficos e audiovisuais está expressa no terceiro grupo de questões. A posição dos museus colaboradores em relação aos elementos multimédia é favorável, pois a maioria afirma ter um arquivo fotográfico dos objectos museológicos (em formato digital e analógico) bem como os sistemas que utilizam na gestão das colecções possibilitam, na sua maioria, inserir filmes/vídeo/áudio. Note-se porém que certos sistemas informáticos não permitem fazer visitas guiadas, isto é criar um percurso visual temático através da sucessão de imagens com ou sem som, determinado pelo museu com o objectivo de atrair público a visitar in loco os espólios museológicos, ou possibilitar a indivíduos com carências especiais a usufruir dos mesmos.

Finalmente o quarto grupo de perguntas revela que estes museus dispõem de diversos recursos informáticos dispostos em postos individuais e em rede, através da internet ou intranet. No entanto ao questionar sobre as características específicas da internet implementada e em uso nos museus, as respostas foram evasivas, demonstrando um certo desconhecimento ao não responder ou remeter para a entidade tutelar. Quando foi interrogado aos museus sobre a disponibilização das colecções museológicas em rede, sobre o facto de estas instituições possuírem uma página oficial on-line, bem como se existe alguma ligação entre estes dois elementos, surgiu um dado curioso. Pois os resultados quantitativos obtidos nestas três últimas perguntas permitem concluir que apesar dos museus em amostra reconhecerem que é essencial dinamizar o processo explicativo e compreensivo do património museológico através das ferramentas informáticas como os Sistemas de Gestão de Colecções, estes encontram-se ainda algo limitados do ponto de vista da divulgação e promoção do património extra-muros, ao afirmarem que não obtêm uma ligação entre o endereço oficial on-line do museu e o respectivo inventário/catálogo.

Bibliografia

- Alonso Fernández, Luis (1993). *Museologia: introducción a la teoría y práctica del museo*. Madrid, Ediciones Istmo.
- Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural – Lei nº107, de 8 de Setembro de 2001. DR. I Série A, nº 209, pp. 5808-5829.
- Bellido Gant, María Luisa (2001). *Arte, museos y novas tecnologías*. Espanha, Ediciones Trea.
- Cohen, Louis; Manion, Lawrence; Morrison, Keith (2000). *Research methods in education*. London, Routledge.
- Creswell, John W. (2003). *Research design: qualitative,*

- quantitative and mixed methods approaches*. London, SAGE Publications.
- Doerr, Martin (2005). *The CIDOC CRM, an ontological approach to schema heterogeneity*. Hellas, Institute of computer science. (Em linha). Disponível em: http://drops.dagutuhl.de/frontdoor.php?source_opus=35
- Eco, Humberto (1997). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Queluz de Baixo, Editorial Presença.
- Gil, Fernando Bragança (1993). O objecto como gerador de informação. In Rocha-Trindade, Maria Beatriz (coord.). *Iniciação à Museologia*. Lisboa, Universidade Aberta, pp.79-83.
- Lei-quadro dos Museus Portugueses – Lei nº47/2004, de 19 de Agosto de 2004. DR. I Série A, nº195, pp. 5379-5404.
- Lessard-Hébert, Michelle; Goyette, Gabriel; Boutin, Gérard (1990). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Orna, Elizabeth; Pettitt, Charles (1998). *Information management in museums*. England, Gower Publishing Company Limited.
- Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia - Decreto-lei nº 46758, de Dezembro de 1965.
- Silva, Raquel Henriques da; Cordeiro, Isabel; Pinho, Elsa Garrett; Freitas, Inês da Cunha; Carvalho, Anabela (2000). *Inquérito aos museus de Portugal*. Lisboa, Instituto Português de Museus.